O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CARLA GOMES DE OLIVEIRA

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir e analisar sobre a importância do lúdico na educação infantil. Através de pesquisa bibliográfca discutir-se-á sobre conceito de criança, como um indivíduo com peculiaridades, vontades e desejos, a infância como uma etapa de grande importância para o desenvolvimento humano e a ludicidade como eixo principal para o desenvolvimento global das crianças.

Palavras-chave: criaça; inância, lúdico.

ABSTRACT

This work aims to discuss and analyze the importance of playfulness in early childhood education. Through bibliographic research, we will discuss the concept of child, as an individual with peculiarities, desires and desires, childhood as a stage of great importance for human development and playfulness as the main axis for the global development of children.

Keywords: child; childhood, playful

INTRODUÇÃO

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação.

Neste sentido, os jogos e brincadeiras são formas essenciais para o pleno desenvolvimento da criança, para que ela cresça podendo ter a oportunidades de vivenciar os papéis sociais dentro dos jogos e brincadeiras, para que se sinta preparada para se posicionar como cidadão, sendo um sujeito de direitos e deveres, bem como transformador da sociedade na qual está inserido.

Nos jogos e brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

Brincar é, assim, um espaço no qual se pode observar a coordenação das experiências prévias das crianças e aquilo que os objetos manipulados sugerem ou provocam no momento presente.

Com isso, o lúdico na educação infantil é de essencial importância para o desenvolvimento d emeninos, meninas e bebês.

Pela repetição daquilo que já conhecem, utilizando a ativação da memória, atualizam seus conhecimentos prévios, ampliando-os e transformando-os por meio da criação de uma situação imaginária nova. Brincar constitui-se, desta forma, em uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira.

Com isso, o lúdico na educação infantil é de essencial importância para o desenvolvimento d emeninos, meninas e bebês.

O trabalho será dividido em seis partes. O primeiro capítulo tratará sobre o conceito de criança e infância. O segundo o conceito de educação infantil. Já o terceiro capítulo discutirá sobre concepções históricas da ludicidade. O quarto capítulo conceituará jogo e suas características. O quinto capítulo tratará da importância dos jogos e brincadeiras na educação infantil e o sexto capítulo trará uma pesquisa de campo em que será mostrada uma entrevista feita com uma professora, com questões sobre a educação infantil.

CONCEITO DE CRIANÇA

Concepção de criança e infância

Nos paradigmas atuais, a criança é considerada como um sujeito sócio-histórico-cultural, produtor e co-produtor de cultura, com necessidades e especifcidades peculiares à sua faixa etária. Neste sentido, é considerado um sujeito de direitos, cidadão em formação, que cria e recria a cultura e a sociedade na qual está inserido.

Para Rousseau, “a infância não é um lugar de passagens para outros estágios mais desenvolvidos, e sim precisa ser considerada como uma etapa de valor próprio” (MAIA, 2012, p. 20 apud Rousseau, 1994, p. 69). Em outras palavras, a criança é um indivíduo com peculiaridades e características próprias, indivíduo único, produtor de história e cultura.

Dentro dessa mesma perspectiva Maia (2012, p. 20) destaca que do mesmo jeito que a "humanidade tem lugar na ordem das coisas, a infância tem o seu na ordem da vida humana, segundo Rosseau é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança" (MAIA, 2012, p. 20 apud ROSSEAU, 1994, p. 64).

Com esse enfoque a criança precisa ser delineada a partir de sua própria perspectiva e sua própria cultura. Um cidadão de direitos, produtor de história e cultura, que entende e modifca o contexto sócio-histórico ao seu redor. A criança na contemporaneidade é alguém que escolhe, sente, deseja e se transforma a partir de vivências e experiências. Um indivíduo dotado de saberes que sofrem influências e influencia, na medida em que convive e constrói sua personalidade.

A Normativa n° 1, de 1° de dezembro de 2013 define que a criança é um ser social, histórico e cultural, permeando tanto a Educação Infantil, quanto o Ensino Fundamental, defende-se uma concepção de criança contextualizada em sua concretude de existência social, cultural e histórica, participante da sociedade e da cultura de seu tempo e espaço, modifcando e sendo modifcadas por elas (SÃO PAULO, 2013).

Ainda sobre a Infância o Estatuto da criança e do adolescente (ECA) se a infância se estende até aos doze anos. Com relação à infância Araújo e Reis (2010) em artigo defendido no II Simpósio Nacional de Educação em Cascável, fazendo uma comparação entre educação e direito, defende que a partir do ECA, a criança e a infância passaram a ter um novo olhar, pois segundo os autores:

A população infantil ocupa um lugar de destaque na sociedade atual, seja no âmbito político, econômico, cultural, jurídico, pedagógico, da saúde, entre outros. A ela, olhares atentos são direcionados, demonstrando que este é um grupo social inserido num importante processo de desenvolvimento e apropriação das qualidades humanas.

Com isso, evidencia-se a importância de se garantir determinadas condições para o seu pleno e efetivo desenvolvimento (ARAÚJO e REIS, 2010).

Nessa perspectiva, meninos e meninas do século XXI não são mais vistos como adultos em miniatura, como seres inacabados que precisam ser moldados, esse pensamento remonta aos séculos passados, anterior ao século XX. Com as teorias de Piaget, Vygostsky e Wallon, lançou-se um novo olhar sobre o desenvolvimento infantil. Esses teóricos mostraram ao mundo que a criança precisa ser vista como ser humano peculiar, que se desenvolve, aprende e cria o mundo a partir da sua própria perspectiva.

Assim, as instituições de educação infantil devem ser consideradas espaços privilegiados de aprendizagem, em que a intencionalidade ali presentes contribua para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural de meninos, meninas e bebês.

Sobre a organização dos ambientes em creche, visando o desenvolvimento das crianças na creche, Lima e Bhering (2006, p. 574) defendem que:

A organização do ambiente oferecido às crianças pequenas depende das características dos contextos em que elas vivem e que freqüentam, e do que eles podem oferecer. Em instituições de Educação Infantil (EI), são importantes o ambiente físico, o grupo de atividades, a rotina, os recursos materiais e de pessoal, as interações desenvolvidas e o programa adotado pela instituição para essa faixa etária (Lima e Bhering, 2006 apud Lordelo, 2002). A preocupação com a organização desse ambiente relaciona-se com o desenvolvimento infantil, considerado como um processo aberto, dinâmico, contínuo e multifacetado, e também com a socialização das crianças (LIMA e BHERING, p. 574).

Para a autora, o ambiente nas instituições de deve ter qualidade, ser intencionalmente planejados, visando sempre a interação entres os pares e o ambiente, bem como valorizando as brincadeiras, pois são as interações e as brincadeiras eixos fundamentais para o desenvolvimento infantil.

Em se tratando de interações, as instituições de educação infantil devem visar uma parceria constante entre família e a instituição, pois não pode-se pensar em criança sem contextualizá-la no seio de sua família. A família por sua vez, é uma referência muito importante para as crianças, pois é o primeiro núcleo social em que ela vive.

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

As unidades de Educação Infantil devem ser locais coletivos privilegiados para a vivência das infâncias, em que a proposta pedagógica representada pelo Projeto Político Pedagógico privilegie a multiplicidade de aconfgurações de tempos, espaços e materiais, bem como as múltiplas linguagens (SÃO PAULO, 2014).

Em que o contexto sócio cultural das infâncias e suas especifcidades na sociedade contemporânea, sejam considerados para constituir práticas educativas autorais e adequadas às necessidades e interesses das crianças e suas famílias (SÃO PAULO, 2014).

A Normativa n° 1 que trata sobre a avaliação na educação infantil defende que a aproximação das relações com as famílias e comunidade por meio do diálogo mútuo entre os espaços educativos e a rede de relações em que as crianças estão inseridas (SÃO PAULO, 2014).

Este documento também nos traz a percepção de que cuidar e o educar são dimensões presentes e indissociáveis em todos os momentos do cotidiano das unidades educacionais (SÃO PAULO, 2014).

Também cita que a organização do tempo e dos espaços nas Unidades deve privilegiar as relações entre as crianças com a mesma idade e também de faixas etárias diferentes, suas escolhas e autonomia, a acessibilidade aos materiais, o deslocamento pelas salas e outras dependências da instituição e fora dela (SÃO PAULO, 2014).

Ratifca que a criança deve ter contanto com o conhecimento construído historicamente e serem valorizadas também como produtoras e co-construtoras dos mesmos (SÃO PAULO, 2014).

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para Sabini e Lucena (2005, p. 39 apud GARDNER, 1994, pp. 216-216), ao discutir a aprendizagem em situação pré-escolar, afrma:

"Seres humanos têm capacidades tremendas para aprender e se desenvolver, como pode ser facilmente visto se observarmos uma criança explorando ativamente seu ambiente durante os primeiros anos de vida. E, pelo menos, algumas crianças continuam a demonstrar a pronta assimilação e um domínio impressionante depois que ingressam na escola e em outros meios educacionais. O problema não é tanto uma difculdade na aprendizagem escolar por si, mas sim um problema de integrar o conhecimento notacional e conceitual, apresentando na escola com aquelas vigorosas formas de conhecimento intuitivo que se desenvolveram espontaneamente durante os primeiros anos de vida".

O aprendizado ocorre em todas as etapas da vida, desde os primeiros dias de nascimento o ser humano tem a plena capacidade de aprender, pois o cérebro possui uma plasticidade notável em que cada aprendizado assimilado é um passo para o próximo.

Sabina e Lucena (2005, 39 apud PICKARD, 1975), "ainda defendem que esse espírito de investigação, de curiosidade, que a criança carrega consigo é o que deve ser explorado na escola. Muitas vezes, uma curiosidade não sanada da criança se esvai e o conhecimento buscado perde o sentido para ela".

A escola, nesse caminho, deve sempre estimular a criança, a aguçar a sua criatividade, a mediar o conhecimento e dar signifcado a ele.

As autoras defendem que, em qualquer idade, em seus jogos e brincadeiras, as crianças revelam irresistível atração para o objetivo das atividades, para seu prosseguimento com atenção sustentada, sendo incansáveis na repetição. Essas características o prosseguimento, repetição da atividade e atenção dirigida para o alvo – são as que a educação formal se esforça tenazmente para conseguir. No entanto, essas características desejáveis, que estão presentes de forma espontânea nas brincadeiras e nos jogos, difcilmente são encontradas nas atividades escolares, principalmente em tarefas de longa duração e exclusivamente intelectivas.

Cabe à escola, dar mais valor aos jogos e brincadeiras, no intuito de estimular as crianças à descoberta, ao prazer de conhecer e construir seu próprio conhecimento.

Para as autoras Sabina e Lucena (2005, p. 40 apud PIAGET, 1975, p. 158):

(...) "O jogo é um caso típico das condutas negligenciadas pela escola tradicional, dado o fato de parecerem destituídas de signifcado funcional. Para a pedagogia corrente, é apenas um descanso ou o desgaste de um excedente de energia. Mas esta visão simplista não explica nem a importância que as crianças que joga desenvolvem suas percepções, sua inteligência, suas tendências à experimentação, seus instintos sociais etc".

"Na escola tradicional, os conceitos são ensinados sempre no seu aspecto estático e não em seus aspectos dinâmicos. Isso talvez se deva ao fato de que os aspectos estáticos dos conceitos podem ser indicados e memorizados, enquanto os dinâmicos só podem ser compreendidos por meio de raciocínio. As autoras ainda dizem que (Lucena e Sabini, 2005, p. 40 apud Piaget, 1975), o jogo é um meio poderoso para a aprendizagem tanto da leitura quanto do cálculo ou da ortografa".

Os jogos e as brincadeiras trazem, nesta perspectiva, a oportunidade de as crianças aprenderem na práticas, através de atividades lúdicas, na qual o aprendizado adquire um signifcado real.

"Ao estimularem a troca de

idéias, a colocação de hipóteses, a experimentação, o teste de realidade etc., os jogos são o instrumento que mais favorece o intercâmbio entre o pensamento e a realidade, promovendo, assim, o desenvolvimento da cognição. Jogos e brincadeiras também permitem ao professor verificar qual o nível de domínio que a criança tem dos conteúdos curriculares e planejar as atividades necessárias para fazê-la avançar" (LUCENA e SABINI, 2012, p. 41).

Cabe ao professor, pensar em metodologias em que os jogos e brincadeiras sejam incluídos, como maneira de diversificar a maneira pela qual as crianças aprendem, transformar o conteúdo em algo prazeroso, torna ao ato de aprender como algo natural, pois brincar faz parte da natureza da criança.

"No período sensório-motor, se a escola criar um ambiente com diversos tipos de material concreto para que a criança os manipule, isso permitirá a formação e conceitos práticos dos objetos que a cercam. Na fase dos jogos simbólicos, a criança pode transformar a realidade segundo as suas necessidades e assimilar as vivências, representando-as. Nesse sentido, o jogo permite uma ampliação e uma flexibilização dos conceitos" (LUCENA e SABINI, 2012, p. 41).

Com isso, o planejamento é de fundamental importância para que o professor possa oferecer a seus alunos brincadeiras significativas e prazerosas.

"Os jogos com regras, por sua vez, permitem a adaptação de ações individuais à coerência e às regras do grupo, bem como o respeito às diferenças, que são pré-requisitos para a convivência harmoniosa entre indivíduos. Daí a importância de incorporar os jogos e as brincadeiras aos procedimentos pedagógicos" (LUCENA e SABINI, 2012, p. 41).

"O jogo é, portanto, sob as duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a essa seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência" (SABINA E LEUCENA, 2005, p. 41 apud PIAGET, 1975, p. 160)

Brincar e jogar deve fazer parte do repertório de atividades oferecidas pelos professores e pela escola, pois é inegável a rela importância dessas ações para o desenvolvimento intelectual e global da criança.

As autoras citam Vygotsky (1989a) "na situação de brincadeira a criança se projeta nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Ela começa a adquirir a motivação, as habilidades e as atitudes necessárias para a sua participação social, que só pode ser completamente atingida com a interação dos companheiros da mesma idade" (LUCENA e SABINI, 2012, p. 42).

A escola e a família devem proporcionar às crianças situações em que o brincar e imaginar estejam envolvidos, pois só assim contribuirá para a formação de um indivíduo pleno e realmente capaz de participar das atividades reais que lhe serão cobradas posteriormente.

"Nesse sentido, as brincadeiras usadas na situação escolar podem criar condições para a criança avançar no seu desenvolvimento cognitivo, porém elas precisam ser cuidadosamente planejadas pelo professor" (LUCENA e SABINI, 2012, p. 42).

Os jogos e brincadeiras, portanto, não devem ser dados aleatoriamente, mas sim planejados, com objetivos concretos, com metodologias capazes de estimular as crianças, estratégias voltadas para o real desenvolvimento cognitivo e social da criança e uma avaliação que leve em conta o processo e não só o produto final. Com isso, o brincar e o jogar devem ser oferecidos de forma significativa para as crianças.

"As generalizações e os significados que a criança retira na situação de brincar precisam ser discutidos e trabalhados pelo adulto para que possam tornar-se um conceito específico" (LUCENA e SABINI, 2012, p. 42).

Em resumo, "as brincadeiras permitem que a criança desenvolva capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação, além de favorecer a socialização por meio de interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais" (LUCENA e SABINI, 2012, p. 44).

O mundo da criança é a brincadeira, cabe à escola e aos professores proporcionar um mundo rico de oportunidades de aprendizagens significativas em que o brincar e o jogar sejam os meios pelos quais as crianças alcancem esse desenvolvimento.

Segundo Vygotsky (1988), o brinquedo exerce enorme influência na evolução do desenvolvimento infantil, embora não seja o aspecto predominante da infância. Para ele, o termo brinquedo refere-se essencialmente ao ato de brincar, à atividade lúdica.

Embora mencione modalidades diferentes de brinquedos, como jogos esportivos, seu foco é o estudo dos jogos de papéis ou brincadeiras de faz-de-conta (mamãe e f-

lhinha, por exemplo), típicas de crianças que aprendem a falar e, portanto, já são capazes de representar simbolicamente e desenvolver-se em situações imaginárias. A característica definidora do brinquedo, por excelência, é a situação imaginária.

Projetando-se nas atividades adultas de sua cultura, a criança procura ser coerente com os papéis assumidos e seguir as regras de comportamento adequado à situação representada. Por exemplo, do imaginar-se como mãe de sua boneca, a menina faz questão de obedecer às regras do comportamento material. Ensaia assim seus futuros papéis e valores.

Nesse processo a imitação também ganha destaque: imitar os mais velhos gera desenvolvimento intelectual e do pensamento abstrato. O esforço de manter a fidelidade ao que observa faz com que a criança atue num nível mais avançado do habitual para sua idade. “No brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade”, diz Vygotsky (1988 p.134), assim, ao atuar no mundo imaginário, segundo suas regras, cria-se uma zona de desenvolvimento proximal, pois há o impulso em direção a conceitos e processos em desenvolvimento.

O prazer não é a característica que define o brinquedo. Ele preenche uma necessidade da criança. Para Vygotsky, o mais importante no jogo de papeis é de que as crianças participam e assim, são induzidas a adquirir regras de comportamento.

Toda situação imaginária contém regras de comportamento, assim como todo jogo de regras contém regras de comportamento imaginário. No ato de brincar com o brinquedo a criança tem que agir contra o impulso imediato, uma vez que deve seguir regras. Satisfazer as regras torna-se um desejo para a criança e é essa a característica essencial do brinquedo.

Para Vygotsky,(1988, p.117) o brinquedo é essencial para o desenvolvimento pré-escolar. “A criança desenvolve-se essencialmente através da atividade do brinquedo” (...) “na idade escolar o brinquedo não desaparece, mas permeia a atitude em relação à realidade”. Para o autor, a instrução e o aprendizado na escola também estarão avançados em relação ao desenvolvimento cognitivo. Tanto o brinquedo quanto a instrução escolar cria uma zona de desenvolvimento proximal, pois ambos se tornam uma atividade condutora que determina o desenvolvimento das crianças.

Para Piaget (1975), quanto mais nova a criança, mais individual e egocêntrica é a sua brincadeira: "A essa centração da criança nela mesma, Piaget chama de egocêntrica. Não significando com isso uma hipertrofia da consciência do eu, mas simplesmente uma incapacidade momentânea da criança de descentrar-se, isto é, colocar-se em outro ponto de vista que não o próprio". (Freire, J.B, 1992).

A ludicidade, tão importante para a saúde mental do ser humano, é um aspecto que merece atenção dos pais e educadores, pois é o momento para expressão mais genuína do ser, direito de toda criança para o exercício da relação afetiva com o mundo, com as pessoas e com os objetos.

Um bichinho de pelúcia pode ser um bom companheiro. Uma bola é um convite ao exercício motor, um quebra-cabeça desafia a inteligência e um colar faz a menina sentir-se bonita e importante como a mamãe. Enfim, todos são como amigos, servindo de intermediários para que a criança consiga integrar-se melhor.

As situações problemas contidas na manipulação dos jogos e brincadeiras fazem a criança crescer através da procura de soluções e de alternativas. O desempenho psicomotor da criança enquanto brinca alcança níveis que só mesmo a motivação intrínseca consegue. Ao mesmo tempo, desenvolve a concentração, a atenção, o engajamento e a imaginação. Como consequência, a criança fica mais calma, relaxada e aprende a pensar, estimulando sua inteligência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como percebemos a criança foi sendo construída ao longo do tempo, ela não é vista mais como um adulto em miniatura e tem forma de perceber o mundo que são peculiares ao seu estágio de vida.

A criança é um ser em desenvolvimento em constante aprendizado, que aprende de acordo com sua maturidade biológica, bem como com os estímulos que lhe são oferecidos.

O brincar é um meio essencial pelo qual a criança adquire conhecimento e se desenvolve, incorpora a cultura e os meios sociais nos quais está inserida. É na brincadeira que ela desenvolve sua identidade e autonomia.

Identidade e autonomia que são adquiridas nas brincadeiras, nas formas de se relacionar com as coisas e as pessoas. O mundo, as coisas, as pessoas são descobertas que as crianças pequenas vão fazendo e incorporando ao seu repertório de conhecimento e de vivência.

Neste sentido, oferecer estímulos para que as crianças muito pequenas possam se desenvolver é de suma importância, pois é a partir dos jogos e brincadeiras, o faz-de-conta, as rodas de música, os gestos, as imitações que a criança vai percebendo e entendendo o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGOTTI, Maristela. Educação Infantil: para que, para quem e por quê?. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2. ed.,Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BENJAMIM, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. 3.ª ed. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 22-23.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 1995.

COMENIUS, João Amos. Didáctica magna; tratado da arte universal de ensinar tudo a todos introdução. Trad. e notas Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1957.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida; LUCENA, Regina Ferreira de. Jogos e brincadeiras na educação Infantil. Campinas, SP: Papirus, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. A pré-escola em São Paulo (1875-1940). São Paulo: Loyola, 1988.

LEONTIEV, A.N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, L.S. et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1998a.

LOCKE, John. Ensaio sobre o Entendimento Humano. 2 vols. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.1999.

OLIVEIRA, Vera Barros de. O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Ed. Vozes. 2.ª edição; São Paulo.

OLIVEIRA, Vera Bastos de. A brincadeira e o desenho da criança de 0 a 6 anos: uma avaliação psicopedagógica, in Oliveira, V. B. N (org), A avaliação psicopedagógica da criança de 0 a 6 anos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes.

PIAGET, Jean. A equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.

PIAGET, L. E. A formação do símbolo na criança. Tradução de A. Cabral e C. M. Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

RABECP-MAILLARD, M.M at, al.. Histoire des jeux éducatifs. Paris, Fernand Nathan, 1969.

VIAL, Jean. Jeu et éducation; les lucothéques. Paris, PUF, 1981.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. Ed. Martins Fontes; São Paulo, 1988.

WAJSKOP, Gisela. Brincar na pré-escola. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 20

FERREIRA, Franciely; CASTANHO, Terezinha; SOBRAL, Viviane; MACHADO, Beatriz. A importância do desenho infantil no desenvolvimento de crianças de 0 a 6 anos. Instituto Superior de Londrina (INESUL – PR), 2011. Disponível em http://www.cefelclinicas.com/publicacoes/a-importancia-do-desenho-infantil-no-desenvolvimento-de-criancas-de-0-a-6-anos/Acesso em 24 de julho de 2021.